

## Ruínas mutantes

texto LIANA JOHN e foto ANDRÉ PESSOA



Os perfis e recortes arredondados amanhecem amarelados, cheios de sombras, ecoando cantos diversos. As aves abrigadas nas árvores, aos pés da chapada, despertam e soltam suas vozes, como quem lança serpentinas sonoras ao ar ainda fresco da Caatinga. As rochas cheias de esconderijos respondem às aves, devolvendo as serpentinas sonoras aos pedaços. À medida que o sol se ergue, as tonalidades ficam mais e mais esbranquiçadas, mais duras, mais

expostas, refletindo luz e calor, recolhendo as sombras até escondê-las – quase todas – sob os raios verticais. E então o meio-dia fica para trás, a tarde avermelha essas ruínas naturais, recobrando-as de sombras mutantes, que redesenham sem parar as fisiologias dos paredões. E o restinho de luz do pôr-do-sol já puxa para o marrom (da foto reproduzida nesta página), transformando o Baixão das Andorinhas em um ensaio de escultura.

Antiquíssimo, com algo em torno de 220 milhões de anos – contemporâneo da separação dos continentes – esse relevo de aparência instável é o encontro da Serra da Capivara, na Chapada do Parnaíba, com a planície do São Francisco, no sertão do Piauí. As rochas são de arenito com várias texturas, das mais duras às mais 'podres'. Lá embaixo, onde a umidade se acumula, resistem árvores de grande porte, com 20 a 30 metros de altura. Algumas são espécies características da Mata Atlântica, manchas verdes permanentes na paisagem periodicamente árida do sertão.

As alterações diárias de tons, luzes e sombras não são as únicas mutações do Baixão das Andorinhas. Quando chove – geralmente chuvas breves e torrenciais –, todo o conjunto se cobre de enxurradas. Tão efêmeras quanto violentas, as cortinas d'água escorrem brancas feito fino véu de fúria, intermitentemente perfurado pelo vôo dos andorinhões que dão nome ao lugar.

Terminadas as chuvas, o véu se dissolve. Novamente a chapada assume suas cores variadas, secas, com toda sorte de habitantes de volta, saídos dos múltiplos esconderijos: macacos-prego, sagüis, lagartinhos de muitas espécies, incluindo um de listra vermelha nas costas (*Tapinurus heleanae*), endêmico daquelas paragens. Um cauré (*Falco rufifigularis*) levanta vôo acima dos pontos mais altos da chapada, não superiores a 200 metros. Circula atrás de insetos e morcegos. E solta a voz aguda à toa, sem se dar conta do extraordinário cenário que lhe responde com ecos.